

ESPECIAL AEASP 70 ANOS

Adriana Ferreira

Faz 29 anos que Anthero da Costa Santiago presidiu a Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) e até hoje ele recebe cartões de Natal e telefonemas de colegas que se sentem gratos pelos serviços que Anthero lhes prestou. Embora seja engenheiro agrônomo, e não advogado, ele se dedicou às lutas da categoria agrônômica, envolvendo-se em causas relacionadas aos direitos trabalhistas e até ao recebimento de precatórios por parte dos colegas.

Sua esposa, Sonia, diz que ele evita conflitos, mas uma vez que entra em um embate não arreda o pé. Esse espírito altivo e o bom relacionamento com os canais políticos fizeram dele uma liderança na defesa dos interesses dos engenheiros agrônomos. Dessa forma, em 1986, ele chegou a presidência da AEASP.

Ele é natural de São Roque (SP), teve forte influência do pai, Adolpho, que era produtor de uvas e fabricante de vinhos, para fazer engenharia agrônômica. Formado pela ESALQ, em 1958, Anthero é casado há 51 anos com a professora Sônia e pai de quatro filhos, Paulo, Christiane, Ronaldo e Thaís, que também é engenheira agrônoma. Aposentado, aos 81 anos, mora em Campinas com a esposa e seu único neto, Luciano, de 12 anos. O engenheiro agrônomo tem um temperamento reservado e não é dado a demonstrações públicas de afeto, mas com o neto é muito carinhoso. O menino é sua companhia para caminhadas, banho de sol, para assistir TV e trocar ideias. Se dependesse de Anthero, ele teria mais três netos.

Apesar do jeito introspectivo de Anthero, Sonia conta que ela e seu marido eram frequentadores assíduos de bailes e que chamavam a atenção, pois dançavam muito bem. O ex-presidente da AEASP, recebeu a reportagem do JEA para nos contar um pouco de sua trajetória e, junto com sua companheira, relembrou fatos de seu período de militância associativista.

Fale sobre o início de sua carreira.

Assim que me formei fui trabalhar em Lucélia (SP), na comissão especial de algodão, montada pela empresa Anderson Clayton. Dei muitas palestras para agricultores. Na sequência, fui trabalhar para o Governo do Estado, no Departamento de Engenharia e Mecânica da Agricultura (DEMA). Atuava na seção de irrigação



EM 2014, a AEASP comemorou sete décadas de sua fundação e, para celebrar a data, o JEA trará, a cada edição, uma matéria ou entrevista especial com engenheiros agrônomos que ajudaram a construir a história da Associação.

e drenagem, principalmente em horta. Trabalhei um pouco em São José do Rio Preto, mas fiquei mais em Campinas, onde era a sede do DEMA. Depois, fui trabalhar com fotointerpretação, interpretava imagens aéreas. Também fui coordenador da CATI e me aposentei no serviço público há 22 anos.

Quando conheceu a AEASP?

Conheci na formatura da faculdade. No mesmo dia, fiz a inscrição para ser sócio da associação. Anos depois, me tornei delegado da AEASP na região de Campinas, na sequência fui vice-presidente e presidente. Eu era amigo do Sinézio [ex-presidente da AEASP], foi ele quem me convidou para ser delegado.

Como entrou para o associativismo?

Eu batalhava para conseguir aumentos salariais para os engenheiros agrônomos. Estava sempre na Assembleia Legislativa do Estado, tinha acesso aos deputados estaduais e isso facilitava o trabalho. Quando tinha processos em cima de agrônomos eu procurava advogados para defendê-los, auxiliava-os, inclusive, a resolver pendências de precatórios. Ganhamos muitas ações. Naquela época a entidade atuava de forma similar a um sindicato. Eu era bastante ativo, andava por todo o interior do Estado. Quando fui delegado da AEASP criei várias delegacias da associação, como a de Olímpia e a de Botucatu, por exemplo.

Há algum momento marcante em sua vida profissional?

Logo que me formei, fui morar em São José do Rio Preto. Lá havia uma barragem que já tinha estourado duas vezes. Eu tinha acabado de entrar no DEMA e me mandaram resolver esse problema, fazer tudo de novo. O DEMA tinha feito a barragem, mas sem assistência técnica, por isso ela cedeu duas vezes. E eu resolvi. A barragem está lá até hoje. Uma história folclórica que me aconteceu foi em Sorocaba, tinha uma árvore centenária que ficava num canteiro central e disseram que ela estava condenada. Eu avalliei que não precisava cortar a árvore. Mandeí limpar, passar broca, tirar a sujeira e cimento o oco dela. Daí, fizeram uma baita festa para comemorar o salvamento da árvore.

E quanto à história de o senhor ser convidado para ser candidato a deputado estadual?

Foi por conta da minha atuação na defesa dos profissionais que os agrônomos da Companhia Energética de São Paulo (CESP) queriam que eu fosse candidato. Mas eu não quis.

ENTREVISTA

Anthero da Costa Santiago

Por que?

Porque não me vejo como político, não gosto de política partidária.

O senhor presidiu a AEASP entre 1986 e 1988, como foi essa experiência?

Foi complicado porque tive de me dividir entre o cargo de coordenador da CATI e a presidência da AEASP. Dois anos passam rápido, quando você começa a tomar pé das atividades, já está terminando o mandato. Eu ia à AEASP uma vez por semana e posso dizer que contei muito com o apoio do seu Pedrinho para me auxiliar. [Seu Pedrinho foi funcionário da AEASP durante muitos anos]. Na verdade, o Pedrinho tocava a associação sozinho.

Como foi a festa de sua posse como presidente da AEASP?

Foi um grande evento, inclusive com a presença do ex-governador de São Paulo, Orestes Quércia. Quem providenciou a festa foi o Ney Bittencourt de Araújo, proprietário da Agrocere. Nós éramos muito ligados.

O senhor também presidiu o Clube dos Engenheiros Agrônomos de Campinas. Como foi?

Foi um sucesso, porque nós organizávamos festas juninas, jantares e muitas pessoas compareciam. As festas eram bem produzidas e os valores muito acessíveis para os engenheiros agrônomos, que levavam suas esposas e filhos. Aumentou muito a frequência nessa época.

O que acha da Agronomia hoje?

Ela é muito importante, infelizmente não é todo agricultor que procura o agrônomo. Tem um outro problema, encheram o país de escolas de agronomia, de certa forma isso comprometeu a qualidade do ensino, consequentemente a gente encontra muitos profissionais despreparados.

Qual sua visão das Casas de Agricultura?

Uma das ideias que eu sempre defendi era a de preservar as Casas de Agricultura da influência política, elas deveriam ficar sobre a responsabilidade da SAA. Mas, hoje, muitas estão sob o comando das prefeituras.

Lembra de alguma situação relacionada a defesa das Casas de Agricultura?

Um colega, prefiro não dizer o nome, que também já foi presidente da AEASP, era chefe de sementes e mudas, e um prefeito junto com alguns vereadores foram lá pedir a cabeça de um engenheiro agrônomo. Ele falou 'se tirar o engenheiro agrônomo eu fecho posto de semente, Casa de Agricultura e pode falar com o governador!'. [risos]

O senhor também era aguerrido?

Sim, eu tinha uma postura aguerrida. Nas batalhas, eu contava com o apoio do Antonio Amaral Mello, também engenheiro agrônomo, formado pela ESALQ. Era um amigo e companheiro de lutas, me acompanhava em todos os momentos importantes para brigar pelos interesses da categoria.

O que é importante numa associação?

Acho que as associações, no mínimo, devem ter um advogado para defender os profissionais associados. Outra coisa é que no meu tempo os presidentes da AEASP estavam em todas as formaturas de engenheiros agrônomos para apresentar a entidade aos formandos e explicar as vantagens de se associar. Nas feiras de agronomia também acho que a AEASP deve ter estande e divulgar os trabalhos de engenheiros agrônomos de diversas áreas, para que produtores e empresas conheçam os profissionais.

O senhor ia às formaturas apresentar a AEASP?

Sim, eu ia. Tinha escola que não dava bola pra gente. Numa delas, eles não me deixaram falar. Mas no final peguei o microfone e falei. Deixei meu recado para os estudantes a respeito da importância de se ligar a uma associação.

O que o senhor mais gosta em sua profissão?

Gosto de tudo, trabalhei mais com a parte de engenharia, barragem, irrigação, fotos aéreas e também dava assistência, preparava o produtor rural para produzir mais e melhor. Porém nunca me interessei por animais.

Como senhor avalia a assistência técnica no estado de SP?

Em função do contingenciamento de verbas está ficando muito difícil trabalhar na CATI. Quando fui coordenador da CATI já sabia que ela não tinha recursos. Acho que deviam tirar as Casas de Agricultura do controle das prefeituras, fazer um diagnóstico de cada região, fazer uma programação para oferecer assistência técnica e prestação de serviços para os produtores. No decorrer dos anos, muita gente foi se aposentando e a Secretaria de Agricultura e Abastecimento não cobriu essas vagas, por isso também que as prefeituras foram tomando conta. Os problemas começaram quando foi feita a reforma da Secretaria na década de 1960. Antes, 52% do Estado fazia conservação do solo, irrigação e drenagem. O Programa de Desenvolvimento Vegetal (PDV) dava as coberturas nas assistências técnicas, o Programa de Produção Animal (PPA), dava assistência aos pecuaristas. Depois da reforma, botaram tudo dentro de uma só panela e virou o que estamos vendo. ■